

[Re]sistindo: Reciprocidade de saberes e experiências entre povos Guajajara e Tremembés na cidade de Acaraú-CE.

Ana Kélia de Sousa Viana
Bruna Silva Araújo
Joicelene Ramos Bastos
Maria Dedita Ferreira de Lima
Nilson Almino de Freitas

1 Introdução

A exposição buscou direcionar olhar para o primeiro intercâmbio de conhecimentos indígenas do Nordeste, o evento “Entre Povos: Partilhando saberes sobre educação para a gestão ambiental e territorial indígena” nos dias 7 e 8 de julho de 2016. Nasce com a necessidade de produzir debates em terras indígenas através de rodas de conversas com lideranças indígenas e a feira de sementes crioulas visando a troca de experiências e segurança alimentar.

Compreendendo a importância da pluralidade de saberes e vivências como base fundamental do evento, a exposição fotográfica busca para além de um registro imagético, produzir uma narrativa visual sobre as experiências da etnia Guajajara e sua estada em terras Cearenses com os Tremembés. Observando expectativas, afetos, a pintura e suas expressões, o ensaio procura através do uso da imagem transmitir o protagonismo e importância étnica e cultural dos povos indígenas para o Nordeste presentes.

É interessante citar o exercício de campo como destaca Goldman (2006) para salientar que a vivência pessoal com os grupos (nesse caso adaptando-se a fotografia) é que possibilita construção do que se compreende como narrativa. Através dessa ótica, quando se observa a experiência vivida entre os povos na cidade de Acaraú, é necessário realçar que a mesma está atrelada ao olhar dos pesquisadores envolvidos em campo, neste caso, o olhar através da câmera fotográfica. Em meio a este envolvimento, destaca-se que o exercício da antropologia também está permeado não apenas do compromisso epistemológico, mas e, sobretudo (neste caso), do engajamento político, ou seja, a fotografia como fomentação de debates.

A câmera fotográfica a partir do viés antropológico, como destaca MacDougall (2007) não constitui-se em formas de ilustração e/ou meros registros. Citando Jean Rouch, o autor realça o equipamento enquanto modo de percepção, investigação, e também como forma de conhecimento acerca de pessoas e vivências. O olhar através da máquina desenvolve movimentos de aprendizagem para os fotógrafos e possibilita construir novas formas de

conhecimento por meio das lentes. A câmera, neste sentido, se estabelece como linguagem que relaciona e se relaciona com outras pessoas. O sentido empregado aqui para “relação” refere-se não somente as fotografias e aos povos indígenas, mas também àqueles/as que estarão em contato com a exposição fotográfica.

É um exercício de construção de sentidos através da linguagem visual que se propõe discutir criando uma alteridade imagética resultante de uma simetria contextual entre os pesquisadores e os nativos instalados em suas culturas respectivas que, naquele contexto, compartilham experimentos e experiências em comum. Foi um exercício de perspectivismo, como diria Castro (2002), mostrando um conceito de verdade da relação via imagem, a partir de uma indução do efeito da presença de um “outro”, que não é tão outro assim, via fotografia. A fotografia, por sua vez, é uma concepção da condição do campo perceptivo deste suposto “outro”. É um efeito da relação com os pesquisadores, equipamento, saberes e experiências comuns no trabalho de campo. As fotos do encontro “Entre Povos” mostram marcas de identificação étnica, momentos em que os indígenas fazem pose para foto, mostram expressões, rituais e vivências. Segue a experiência visual proposta.

2 Exposição Fotográfica

Equipamento Utilizado: Canon EOS T3i.

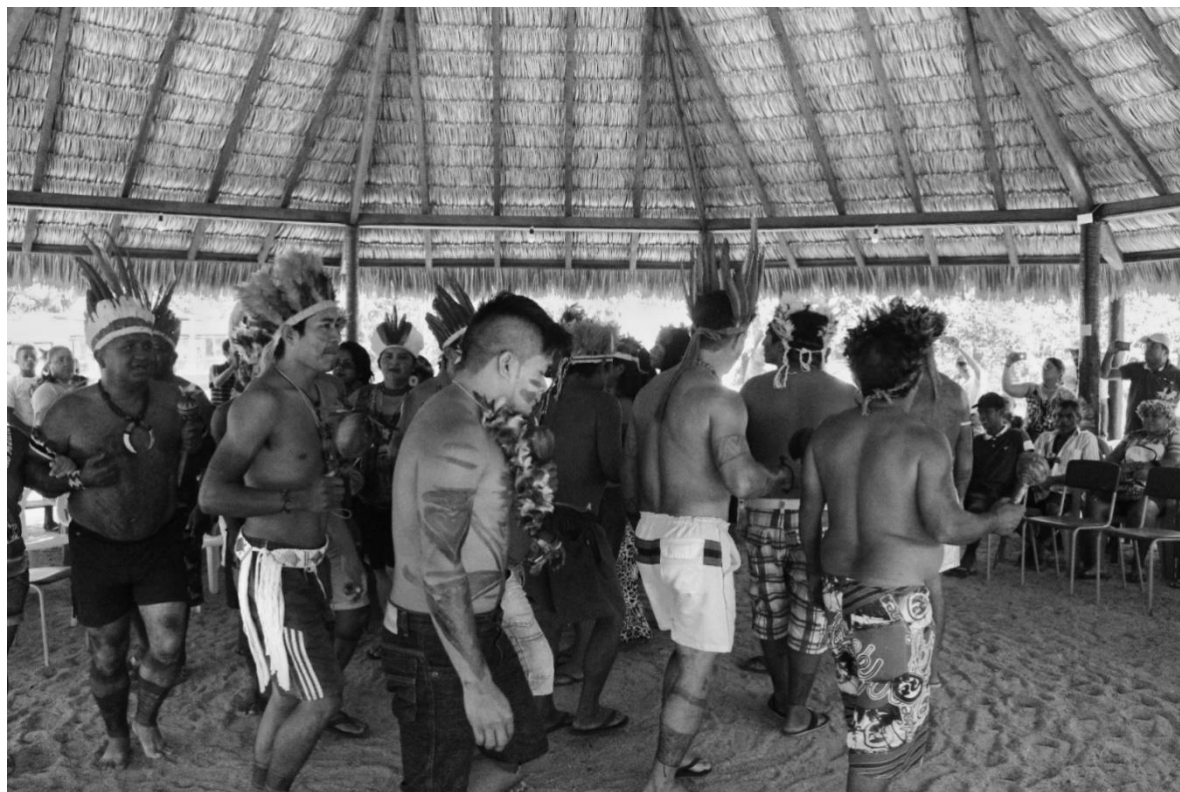












Referências

CASTRO, Viveiros de. o nativo relativo. **O nativo relativo**. Mana [online]. 2002, vol.8, n.1, pp.113-148.

CEZAR, Lilian S. Filme etnográfico por David MacDougall. **Cadernos de campo**, São Paulo, n 16, p. 1-304, 2007.

GOLDMAN, Márcio. Alteridade e Experiência: Antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, Vol. X (1), p. 161-173, 2006.